

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Lucas Sosthenes Melo Lobão ¹
Ozianne Pinheiro de Souza ²

RESUMO

O presente artigo propõe discutir questões relevantes em relação ao ensino de Geografia, A análise aqui apresentada baseou-se nas seguintes questões norteadoras: De que forma os professores estão exercendo suas funções em relação aos conteúdos ministrados? Os alunos estão desenvolvendo as habilidades previstas para cada ano escolar? Será que os professores se preocupam com a formação continuada para lecionar geografia? Com base nessas perguntas que este artigo irá responder, por meio de pesquisas bibliográficas, buscando-se traçar elementos fundamentais que evidenciam esses saberes geográficos. Na sequência para analisar as ações pedagógicas apresenta-se de pressuposto de investigação segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais. Os resultados nos levaram a perceber que através de conteúdos e métodos adequados as crianças vão olhar para o ensino de geografia com outras expectativas, pois o ponto principal é fazer com que o estudante compreenda o meio onde ele vive e desenvolva um pensamento crítico e investigador de forma excepcional, para isso é necessário modificar as práticas tradicionais do ensino de geografia, tornando-a mais acessível e colocando como foco principal, a participação do aluno, uma vez que tem como objetivo, avaliar a forma como eles aprendem, e a melhor forma de avaliar esses alunos é por meio da avaliação qualitativa que por meio dela observa-se a evolução do professor e o desenvolvimento pessoal de cada aluno.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas, Expectativas, Análise Pedagógica, Metodologia, Avaliação Qualitativa.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a comunidade brasileira crítica grandemente o ensino de geografia, pois a compreensão que se tem sobre seu papel na comunidade é bastante ultrapassada, visto que, por mais que a humanidade tenha evoluído, a forma como os docentes trazem para seus alunos o ensino deste componente curricular nos anos iniciais, ainda é um método tradicional, dado que, o objetivo principal, muitas vezes, é apenas formar cidadãos e seguir todos os documentos de forma tradicional.

A geografia deve ser compreendida como ciência, pois ela é uma ciência social que estuda o espaço geográfico e a perpétua luta dos seres humanos pela sobrevivência. Partindo desse pressuposto na formação de professores é importante modificar esses pensamentos de

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, lucaslobao.20200001533@uemasul.edu.br;

² Professora Orientadora: Mestranda, Universidade Estadual do Maranhão - UFMA, ozianne.souza@uemasul.edu.br.



uma geografia tradicional, para uma geografia mais humanizada, onde o aluno deixa de ser um objeto passivo, para ser um indivíduo ativo. Segundo Bittencourt (2008, p.19):

Na formação de professores, os currículos devem considerar a pesquisa como princípio cognitivo, investigando com os alunos a realidade escolar, desenvolvendo neles a investigativa em suas atividades profissionais e assim tornando a pesquisa também princípio formativo na docência.

Dessa forma, percebe-se que os estudantes irão reconhecer o seu papel social e assim ter uma visão crítica e reflexiva no que se faz produto da própria história, que passa a ver a mesma de forma diferenciada, pois estes deixam de ser seres passivos, onde apenas atuam como ouvinte de seus professores e vão passar a serem protagonistas da sua própria história, trazendo questionamentos e dúvidas a respeito da realidade escolar e social. Vale lembrar que, é nessa etapa da criança que ocorre a construção enquanto sujeito e, conseqüentemente, o desenvolvimento cognitivo.

Sabe-se que por meio das práticas pedagógicas voltadas para o ensino de geografia, que o professor poderá modificar a forma como a criança ver o ensino geográfico, através de atividades lúdicas, pois vai fazer a criança refletir sobre o mundo de forma social e natural, ou seja, por mais que na educação infantil as crianças ainda não estão alfabetizadas, nada impede de fazer com que elas reflitam sobre o mundo onde se vive.

A GEOGRAFIA TRADICIONAL

A geografia tradicional nos anos iniciais, ainda segue as orientações neoliberalistas, que é a responsável por essas políticas educacionais, visto que essa prática trata a educação e os alunos como uma mercadoria, sendo que deveria tratar a educação como um direito do cidadão, porém a ideologia do neoliberal está focada somente na crise econômica, e com isso faz com que as crianças sejam sujeitos competitivos do consumismo e conseqüentemente do individualismo. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.19):

Essa Geografia era marcada pelo positivismo que sustentava metodologicamente quase todas as chamadas ciências humanas que se consolidaram nessa época nas faculdades brasileiras. Com fortes tendências de estudos regionais, os estudos geográficos pautavam-se pela busca de explicações objetivas e quantitativas da realidade, fundamentos da escola francesa de então.

Dentro deste contexto a década de 40 no Brasil, foi muito influenciada pela escola francesa *Vidal de La Blache*, que valorizava o papel do homem como sujeito histórico, focado na produção do espaço geográfico, sem falar que a relação do homem-natureza era estudada sem priorizar

as relações sociais. Percebe-se que a Europa teve grandes influências na população brasileira, visto que defendia a hierarquização e estava focada na superioridade da raça branca apesar da miscigenação racial que se tinha e se tem até hoje no Brasil.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.20): “A História era relatada sem transparecer a intervenção do narrador, apresentada como uma verdade indiscutível e estruturada como um processo contínuo e linear que determinava a vida social no presente”.

Dentro deste contexto, percebe-se que tanto o professor quanto o aluno não tinham o direito de intervir nos conteúdos que eram ministrados em sala de aula, já que o mesmo era considerado como verdade indiscutível, pois de acordo com Mizukami nas abordagens tradicionais: “O papel do professor está intimamente ligado à transmissão de certo conteúdo que é predefinido e que constitui o próprio fim da existência escolar. Pede-se ao aluno a repetição automática dos dados que a escola forneceu ou a exploração racial dos mesmos” (MIZUKAMI, 1986, p. 15).

Levando em consideração, o docente tinha uma missão a ser cumprida que era ensinar de forma tradicional, seguindo todos os conteúdos que estavam no livro didático, sem deixar os alunos participar e interferir na aula, pois o objetivo principal do professor era contemplar todo o conteúdo do livro, com a meta de chegar até o final do mesmo, e transmitir seus conhecimentos, visto que os alunos eram apenas os sujeitos passivos, que não tinham voz e nem vez, somente estavam ali na sala para receberem informações com se eles fossem um depósito que os professores depositavam da forma que eles achassem melhor sem levantar questionamentos em relação aos conteúdos ministrados. Neste sentido Mizukami afirma nas abordagens tradicionais que: “[...] o professor é o agente, o aluno é o ouvinte. O trabalho intelectual do aluno será iniciado, propriamente, após a exposição do professor, quando então realizará os exercícios propostos” (MIZUKAMI, 1986, p.16).

Percebe-se que o aluno participa da aula apenas através de exercícios repetitivos, por meio da decoração e recapitulação dos conteúdos, respondendo às atividades propostas pelo livro, e logo após terminarem os exercícios, o professor tradicional dá o visto e simplesmente continua seus trabalhos sem dar importância ao individualismo de cada aluno, pois para ele os alunos são todos iguais e conseguem absorver o conteúdo de forma excepcional, percebe-se que ele não para suas aulas para corrigir as atividades juntamente com os alunos, sendo que é de suma importância mostrar para o discente os erros que eles estão cometendo nas questões propostas, sabe-se que é através da correção que se garante um ensino de qualidade, pois o



professor e o aluno estarão trabalhando juntos no desenvolvimento do ensino aprendizagem de cada um.

Na década de 60 os estudos de geografia passaram por algumas modificações em relação à influência, pois a partir dessa década que ela se tornou uma Geografia Marxista, que era uma geografia de lutas sociais e conseqüentemente começou a ganhar conteúdos focados nos ramos políticos que iria trabalhar as relações de trabalho e explicações de econômicas. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.21):

Esse período pós-Segunda Guerra Mundial foi marcado por grandes confrontos políticos e doutrinários: Socialismo x Capitalismo. As contradições da distribuição social da riqueza e as diferenças entre países ricos e pobres geraram grandes confrontos.

A Geografia sofre grandes críticas pelo fato de ser colocada como a ciência que tem como objetivo buscar o ensino para a formação da conquista da cidadania brasileira, e com isso, percebe-se que os professores têm o dever de “formar” cidadãos. E a partir desse momento que se percebe que a geografia tem uma falha, pois para formar o indivíduo precisaria estar vazio e sabe-se que, o aluno não chega à escola vazio, visto que ele não é uma folha em branco, onde o professor poderá pegar seu pincel e formar ele da forma em que os Parâmetros exigem, pelo contrário, o aluno já possui uma carga de conhecimentos de formação que antes mesmo dele entrar na escola já tem adquirido, pois de acordo com as abordagens comportamentalistas Skinner salienta que o conhecimento é adquirido através da experiência.

A melhor forma de trabalhar geografia com as crianças dos anos iniciais é de forma lúdica, pois as crianças têm uma imaginação fértil, e através dessas imaginações elas poderão compreender de forma mais prática e mais humanizada a geografia. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.23):

Nesse sentido, acreditamos que trabalhar com o imaginário do aluno no estudo do espaço é facilitar a interlocução com ele e compreender o significado que as diferentes paisagens, lugares e coisas têm para ele. Tudo isso significa dizer, valorizar os fatores culturais da vida cotidiana, permitindo compreender ao mesmo tempo a singularidade e a pluralidade dos lugares no mundo.

Dentro deste cenário, percebe-se que o principal responsável por modificar a geografia tradicional é o próprio professor, pois é ele que vai mostra para o aluno que a geografia não é apenas um componente curricular que forma o cidadão, pelo contrário ela vai moldar através dos estudos, da inclusão, do desenvolvimento e da cidadania, visto que, para muitos a geografia tem que formar o aluno, sozinha sem a ajuda das outras ciências. São esses e outros pensamentos que evidenciam este erro, é nesse ponto que a sociedade está errando, através de pensamentos positivistas e marxistas



fazendo com que os alunos olhem para a geografia de forma ruim, chata e ultrapassada. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.23-24):

Uma das características fundamentais da produção acadêmica da Geografia dos últimos tempos foi o surgimento de abordagens que consideram as dimensões subjetivas e, portanto, singulares dos homens em sociedade, rompendo, assim, tanto com o positivismo como com o marxismo ortodoxo. Buscam-se explicações mais plurais, que promovam a intersecção da Geografia com outros campos do saber, como a Antropologia, a Sociologia, a Biologia, as Ciências Políticas, por exemplo.

Neste caso, a Geografia não deve ser aquela que está apenas centrada na descrição empírica das paisagens, pois se sabe que quando se fala em geografia essa é a primeira coisa que se passa nos pensamentos da sociedade, visto que para muitos esse é o papel dela, descrever e analisar os fenômenos da natureza. Percebe-se que para uma comunidade que é capitalista a Geografia tem que esta focada apenas nas explicações política e econômica do mundo, pois para o capital o que importa é o dinheiro, o benefício que o indivíduo vai receber, por isso que é imposto para o professor trabalhar e modificar os pensamentos dos alunos, fazer com que eles pensem de modo capitalista onde, seu foco principal é se tornar um cidadão e trouxe lucros para a sua comunidade, esses são pensamentos predominante na sociedade, porém ela deve trabalha tanto as relações socioculturais como os elementos físicos e biológicos que fazem parte dela.

GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS

Nos anos iniciais muitos professores ficam sem saber como trabalhar geografia de forma correta e atrativa para as crianças, por falta de criatividade por parte dos professores, eles acabam usando apenas o que está no livro e isso acaba tornando a aula chata e monótona, de certa forma ele vai trabalhar uma geografia que está ligada em descrições de fatos que se fundamenta na Geografia Tradicional. Aquela chamada tradicional, caracterizada pelos dados geográficos cheia de números de previsões, e que trabalha espaços fragmentados, espaço esses que as crianças muitas das vezes não conseguem entender de forma clara e coerente, em geral opera com questões desconexas, no entanto a conexão é muito importante para um ensino aprendizagem adequada, e muitas das vezes ela trabalha de formas isoladas no interior de si mesmas, em vez de considerá-las no contexto de um espaço geográfico complexo, que é o mundo da vida. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.31):

Para realmente trabalhar e valorizar o imaginário do aluno, não se pode encarcerá-lo à idéia de que seu espaço esteja limitado apenas à sua paisagem imediata. Pela mídia, o aluno acaba incorporando ao seu cotidiano paisagens e vivências de outras localidades.

Dentro deste contexto deve-se mostrar para a criança que o espaço onde ela vive não se limita apenas naquele local que ela está atualmente, deve-se mostrar para ela de forma lúdica que existem um mundo que ainda é desconhecido, a leitura de mundo é fundamental, pois é através dessa leitura que o indivíduo estará lendo sua própria história e desvendando seu passado e conhecendo a sociedade onde se vive.

A Leitura de mundo é muito significativa para todos que vivem em sociedade, e muitas das vezes os professores não conseguem trazer isso para as crianças, pois é através dela que o cidadão vai exercer sua cidadania. Uma forma bem prática para fazer essa leitura é por meio da interpretação do espaço onde se vive, ou seja, muitos pensam que ler o mundo é apenas por meio de cartografia, mas a leitura vai muito além disso tudo. De acordo com Santos (2000, p. 114):

[...] não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo.

Seguindo essa linha de raciocínio o professor não pode se prender apenas aos livros e cartografias, eles devem trazer a leitura de mundo para o espaço vivido pelas crianças, pois elas passam por vários lugares antes de chegar à escola, partindo desse pensamento o professor poderá prender a atenção desses pequenos, envolvendo eles em uma roda de conversa, fazendo com que reflitam sobre os lugares em que passam antes de entrar na escola, e até mesmo o professor pode fazer uma pequena análise juntamente com as crianças nas proximidades da escola.

De acordo com (CASTELLAR e MORAES, 2018, p. 423) “A reflexão é a chave para a aprendizagem ativa. Isso pode ser alcançado colocando-se o pensamento do aluno em estado de mobilização, estimulando-o, por meio das atividades, a analisar, compreender, comparar fenômenos.” Dentro deste contexto, os conhecimentos dos docentes devem se transformar em ferramentas fundamentais para a aprendizagem ativa dos educandos, fazendo com que eles relacionem todos os espaços geográficos que eles conhecem de forma satisfatória, ou seja através das metodologias ativa e métodos lúdicos que fazem com que o aluno se sinta livre para se expressar e participar da aula no momento em que o professor perguntar quais as paisagens observadas por eles, assim cada um dos alunos vai ter o momento de ser protagonistas de sua própria história, no entanto cada um deles vai ter uma visão diferente um



ponto de vista de acordo com os conhecimentos adquiridos. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.25):

Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo que possam não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico.

Partindo desse raciocínio o aluno precisa adquirir o conhecimento e de acordo com as abordagens comportamentalistas Skinner salienta que o conhecimento é adquirido através das experiências vividas, ou seja, como é que o aluno vai ter uma experiência se o professor não fizer a parte dele? É neste momento que ele precisa fazer com que o aluno tenha a curiosidade, e através dessa curiosidade que vai surgir o estímulo. Sabe-se que o estímulo é a chave principal para o aluno ir atrás das respostas e através dessas respostas que vem às experiências e conseqüentemente o conhecimento.

ENSINO E APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA

A maneira mais comum de ensinar geografia é aquela de forma tradicional, ou seja, o professor ensina o aluno em cima do conteúdo didático do livro, onde esse conteúdo sempre parte de algum conceito social, logo após a exposição do conteúdo ministrada por ele, vem à famosa avaliação, através de memorização, onde o aluno terá que colocar em prática tudo aquilo que ele decorou, Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.30): “Abordagens atuais da Geografia têm buscado práticas pedagógicas que permitam colocar aos alunos as diferentes situações de vivência com os lugares, de modo que possam construir compreensões novas e mais complexas a seu respeito”.

Dentro deste contexto percebe-se que as práticas pedagógicas estão mudando sua linha de raciocínio em relação à avaliação e o ensino/aprendizagem do aluno, onde o objetivo principal é fazer com que os eles compreendam a geografia e mudem o rótulo que está impregnada nela, a forma correta de avaliar um aluno não é apenas por meio de provas que medem um número e atribuem uma nota e sim pela forma como o aluno conseguiu absorver aquele conteúdo. Segundo Haydt (2007, p.13):

A avaliação é um sistema de controle de qualidade pelo qual se pode determinar, a cada passo do processo de ensino – aprendizagem, se este está sendo eficaz ou não



esteja, indica que mudanças devem ser feitas e fim de assegurar sua eficácia antes que seja tarde demais.

Percebe-se que a verdadeira avaliação é aquela que o professor está preocupado com o educando, onde ele segue o passo a passo do aluno, visto que ele observa se realmente o indivíduo está conseguindo aprender de forma correta, lembrando sempre que o importante não é a nota do aluno e sim a capacidade e o conhecimento que ele adquiriu durante a ministração da aula, ou seja, o ensino/aprendizagem sempre tem que está em primeiro lugar, visto que a decoração de conteúdo não vai servir de nada se daqui alguns dias o aluno não conseguir mais lembrar daquilo que ele decorou.

AVALIAÇÃO QUALITATIVA

Para romper com o modelo de sociedade tradicional, para um modelo humanista, o primeiro passo fundamental para modificar e redirecionar os caminhos pedagógicos de uma avaliação mais humanizadora, é se planejar, manter firmemente as práticas pedagógicas eficazes levando sempre em consideração a avaliação qualitativa.

O segundo passo fundamental é a conversão de propostas de ação, rompendo com o tradicionalismo, visto que educadores, professores devem ter em mente essas ações pedagógicas. De acordo com Luckesi: “Conversão, aqui, quer dizer conscientização e práticas desta conscientização. Não basta saber que "deve ser assim"; é preciso fazer com que as coisas "sejam assim." Neste sentido, percebe-se que é através do resgate da função dialética que o professor irá conseguir modificar aos poucos os métodos autoritários e conservadores trazidos da Pedagogia Tradicional. De acordo com Luckesi (2011, p.91):

Para não ser autoritária e conservadora, a avaliação terá de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos. Enfim, terá de ser o instrumento do reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos.

Nesse contexto, percebe-se que o instrumento dialético é fundamental para diagnosticar o aluno, observá-lo de forma recíproca, entendendo o contexto em que ele vive e as suas transversalidades. Sendo assim, é possível ter resultados positivos para a aprendizagem do educando, de forma que a disciplina seja trabalhada para além de conceitos e cartografias, propondo atividades que tragam a consciência para o aluno do que está sendo trabalhado e de acordo com a sua realidade, sendo mais interessante para os mesmos fatos



históricos sobre a sua cidade e vivência cotidiana do que abordagens maçantes que não fazem parte desse contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do presente trabalho, é possível afirmar que as práticas pedagógicas na educação infantil e principalmente nos anos iniciais vêm passando por mudanças significativas, principalmente do que se trata na questão metodológica e avaliativa e que tais mudanças contribuem positivamente para se usufruir de um ensino de qualidade e que se preocupa em trazer para o espaço escolar o cotidiano do educando.

É preciso compreender a Geografia como um processo dinâmico, que vai além de saber as cartografias geográficas, que vai além de recortes geográficos e conceitos decorativos sobre datas, é preciso ver a geografia como algo presente, cotidiano e que ocorre a todo momento, que vivenciamos a cada instante e que faz parte do nosso dia a dia.

Portanto a geografia não é apenas um componente curricular ultrapassado, ela é como se fosse uma mãe e as demais ciências fossem seus filhos, pois é através dela que as outras ciências se derivaram, ela é o início de tudo, pois pra todas as perguntas a geografia tem uma resposta usa-se geografia em tudo. De acordo com La Blache (1913 p.289):

A Geografia é considerada como se alimentando nas mesmas fontes de fatos da Geologia, da Física, das Ciências Naturais e, de certa forma, das Ciências Sociológicas. Ela serve-se de noções, sendo que algumas delas são o objeto de estudos aprofundados nas ciências vizinhas (...) Na realidade, como veremos, a Geografia possui seu próprio campo.

Dentro deste contexto deve-se valorizar mais a geografia, investindo em formação continuada, para fazer com que os alunos compreendam os conteúdos de forma eficaz, fazer com que eles desenvolvam todas as habilidades necessárias de acordo com os anos escolares que eles estiverem, e além de tudo se sintam incluídos de forma especial na sociedade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, por essa grande oportunidade de ter participado deste belíssimo Congresso, foi uma experiência bastante empolgante, que me fez ver a Educação com outros olhares, Secundamente quero agradecer a minha orientadora Ozianne Pinheiro, pelo incentivo e pelas injeções de ânimo, que ela me dava toda vez que eu



pensava em desistir, Muito obrigado Professora querida, e por fim agradeço a minha Universidade, UEMASUL, por ter disponibilizado recursos financeiros para a nossa viagem.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e metodologia.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia.** Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História.** Brasília: MEC / SEF, 1998.

LA BLACHE. Paul Vidal de, **As Características Próprias da Geografia.** 1913.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: As abordagens do processo,** São Paulo: EPU, 1986.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização.** Rio de Janeiro: Record, 2000.